

ANTÓNIO DIOGO

Auroras da Alma

Pensamentos existenciais





Auroras da Alma

Pensamentos existenciais

Edição: D'arte Editora

Direcção e produção editorial: E. Petrovich

Título: Auroras da alma - Pensamentos existenciais

Autor(a): António Diogo

Revisão: Escritor Petrovich

Paginação e diagramação: Agostinho Canhanga

Designer de capa: Agostinho Canhanga

ISBN: 978-989-33-3439-3

Copyright © 2022

António Diogo | D'arte Editora

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou utilizada sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor ou dos editores.

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| PORTA DOS FUNDOS..... | 13 |
| SOBREVIVER É DIFÍCIL, LINDO É VIVER, FÁCIL É MORRER | 15 |
| DESAFOROS | 17 |
| DESAFOROS II | 20 |
| SOBRE AMOR, SOLIDÃO, TRISTEZA, EGO E DESAPEGO | 23 |
| NOTAS TRESPASSADAS..... | 27 |
| RABISCOS SEM NEXOS SOBRE A VIDA..... | 33 |
| GAROTAS NÃO TÊM HERÓI | 37 |
| NOTAS TRESPASSADAS II..... | 39 |
| <i>Os momentos são insubstituíveis</i> | <i>39</i> |
| VIDA, É UMA VIDA | 40 |
| UMA HISTÓRIA DE TÉRMINOS..... | 42 |
| <i>(Escritos de uma alma magoada)</i> | <i>42</i> |
| ADEUS, MR. ANTÔNIO..... | 48 |
| RABISCOS DE UM ADOLESCENTE PERTURBADO..... | 52 |
| ASSIM COMO VIDA | 55 |
| NOTAS DO MEU SUBSOLO | 61 |
| SAPIOFILIA E MORALIDADE | 64 |
| <i>(o relato de quem amou primeiro a cabeça e depois o coração).....</i> | <i>64</i> |
| UM ANÔNIMO QUE FAZ TUDO AO AVESSE! | 66 |
| AS DIFERENÇAS NUNCA FIZERAM A DIFERENÇA..... | 68 |
| UM COMENTÁRIO SOBRE LIBERDADE..... | 72 |

SOBRE O AUTOR

Antônio Diogo, natural da província da Huíla, estudante universitário no ISCED-Huíla. Sua relação com a escrita teve início em 2017, ano em que começou a dar as primeiras rabiscadas por influência da leitura de grandes autores nacionais e internacionais. Lançou sua primeira obra, em formato E-book, em 2020 “Poemas da meia-noite”.

PREFÁCIO

A felicidade, a alegria são o auge da vida. Esses raros momentos e, às vezes tão breves que ocorrem em nossas vidas têm sido, na verdade, como o ponto mais alto da existência. A ausência da tristeza e o aumento da energia do viver tornam as pessoas mais sãs e mais disponíveis umas com as outras.

[...]

É um sentimento tão inexplicável, que só estando triste me lembro de que fui feliz... Tão feliz e cheio de vidas!

Um dia simplesmente, a noite alcançou o dia, a escuridão desceu, o meu coração escureceu: alguém partiu, o universo perdeu um planeta. Um dia, simplesmente, a felicidade já não existe mais em mim: é como se eu quisesse jamais ter acordado na manhã de hoje e ter que encarar tudo de novo, mesma rotina, a mesma tristeza só que num nível mais alto, simplesmente queria poder dormir para sempre. A sensação de não poder acordar amanhã tem sido como um alívio quando me ocorre.

Sou um homem sombrio, as águas do mar em que me encontro são negras e sombrias. Ficar mergulhado na mais pura nostalgia converteu-se num prazer maior para mim: já não poderei jamais experimentar um fio de alegria.

Basta-me essas feridas, mágoas e lágrimas! Tudo tem mais sentido para mim, pois de que adianta investir em alegrias intensas a vida toda se você vai se entristecer ao longo de todo o percurso? De que adianta um desfecho feliz e alegre, se houve começos e meios tão ruins em que você perdeu toda gente? De que adiantará alcançar esse bendito final feliz, se ninguém do começo estiver lá te vendo chegar?

Talvez eu não tenha compreendido ainda a nostalgia em que me encontro. A preferência ao estado infeliz a de outros estados opostos a felicidade é um tanto involuntária: a angústia e a dor simplesmente chegam, mesmo depois de uma boa risada à vida; o que não seria mais suposto.... Sorrir e saltar como um menino, mas chorar no final do dia, no leito da cama como uma gazela ferida. Não é justo. Ficar feliz para ficar triste e sem viceversa: se me faz feliz, quero que seja assim para sempre. Embora, seja já o principiar de uma infelicidade, desejar que sua felicidade perpetue. Então, chega a nostalgia mesmo quando não a queremos por perto.

- Antônio Diogo

**O MEU LIVRO DE REVELAÇÕES QUE JAMAIS SERÁ
PUBLICADO**

Ei, afinal o que nós somos, o quê que fizemos com essa realidade cheia de ilusões e desilusões? Por que somos tão parecidos em quase tudo que fazemos...?

Não era para ter sido, mas já foi e é assim... Já nem sei comentar sobre a verdade. Tudo é bem mais preconceituoso para mim, quantas verdades de mentira você precisou dizer só para se dar bem...? Enfim, mais tudo isso se transformou num ontem quase que inesquecível e eu... Eu queria ter chegado primeiro.

Hoje, eu só preciso viajar... Chorar em alhures, lugares em que nunca estive; hoje eu quero afogar mágoas junto do oceano, ao lado do sal e da areia, hoje eu quero te lamentar no estrangeiro, a sul, ou a norte de qualquer lugar que não seja lá, que seja em todos os lugares que jamais tenha visto antes, até o lugar nenhum.... Sei que me conheces, e essa nossa condição, a minha condição passada e a tua. Tudo isso você sabe, te amei mesmo assim, te amei mesmo quando achei que não teria chances sequer de te ter por que já te tinham a uns tempos aí...

Enquanto viajo, também penso que jamais te farei feliz igual ao que já te fizeram, jamais te beijarei como beijaram naqueles dias de chuvas e de brisa, ah! Você não sabe o quanto eu sofro, mas faz tudo parte, é quase sempre assim comigo e, esse sofrimento é inevitável: sou mais eu que ninguém, mas nunca fui tão feliz como sou contigo.

Saber que te posso perder é quase insuportável, mas ter noção de que jamais conseguirei te fazer chegar ao mais alto nível de *ecstasy*, só porque experiências e sensações dependem de momentos, a dor é de matar. Momentos importam... E um detalhe sobre eles, é que não têm marcha ré, os instantes só são instantes: e sabe, eu poderia estar lá, se conhecesse você. Mas, não estive porque você estava conhecendo outra pessoa, talvez, a pessoa mais incrível e que você já conheceu... Eu simplesmente nunca tinha existido para ti.

Minha teoria sobre momentos é triste e embaraçosa, porque para mim, os momentos têm sido sempre inoportunos para mim: é sempre a mesma coisa. Lugar

certo, hora errada; hora certa, momento escasso... Momento certo, mas, infelizmente se fosse mais cedo... Há um ano ou há seis meses... Talvez.

E o mais irônico é que eu acabo amando mesmo assim. Minha vida desde os 15 tem sido assim, só tenho me apaixonado por quem já tenha se apaixonado já, e isso seria tão normal se elas só tivessem unicamente se apaixonado, elas, na verdade tinham ficado e experimentado de quase tudo... E é justamente ali que eu chego. Quando tudo que elas tinham acaba: então eu me converto no actual, na segunda via da paixão e do amor. Ah, como dói...!

Ah, Deus... Como dói, não poderei contar histórias inspiradoras de amor e superação aos meus filhos. Meu filho... Meu filho foi resultado da quinta via de amor e paixão da mãe dele, meu filho é mais meu amor do que da outra pessoa; poderei ter ainda outro, mas é tudo o mesmo ciclo, a mesma teoria do vai e vem: tudo cópia, nunca sou o primeiro, nunca é aprendizado comigo, é sempre, antes de tudo uma sequência!

Então me ouçam, amigos... Sei que podem ouvir minha voz; também sei que podem se rir da minha franqueza e da minha facilidade em amar pessoas já amadas e que já tinham sido amadas. Então riam, mas ouçam também.... Entre todos, eu serei o mais fácil de esquecer, sou humano, tão frágil como manteiga derretida, sinto que posso morrer, por isso deixo aqui esse desabafo que é a minha vida.

Amei todos vocês tão puramente, tão ternamente como nunca tinha assim amado. Meu amor esteve sempre esteve um pouco acima do que é o amor normal e o amor exagero, eu amei-vos à loucura e, talvez um pouco mais do que posso descrever... Saibam, que a culpa não é vossa, nem é tua nem dele. É meu Deus quis e me fez assim, era para ter sido assim e não sei por quê?!

Não sei qual é o verdadeiro sentido, mas, talvez minha predestinação era para ser cândido e ingênuo, segunda via... Eu tinha que ser isso aí, talvez para que vocês um dia conseguissem esquecer um pouco e darem sequência em vossas vidas mesmo sem se esquecerem de

verdade do que realmente viveram: eu sou esse cara, que no começo parece não ter sentimentos, parece ser de lata e de pedra, mas que no fundo ama e sofre: que, queria ser teu homem desde o começo se pudesse e te fazer passar por coisas lindas no passado que você se lembraria até, hoje como as lembranças que você tem do seu querido e eterno Alex.

Bem, eu vejo a bruma embaçada, estou pegando o corrimão do navio, na berma, vejo aves também e um sol no horizonte, e parece que estamos chegando num porto, está aparecendo terra firme a nossa frente. Tão logo chego, onde nunca quis chegar, lá começarei outra vida, outra história. Isso pode ser real, mas fará diferença? E se eu encontrar a tal dita que nunca tinha amado valerá a pena? Eu serei feliz? Não valerá nada.... Pois, ela pode rescrever esse enredo e dizer que ela a é sétima via do meu amor e paixão!

Então já não dá mais, está tudo acabado...

O barco encosta no cais, a gente desembarca, a teoria precisa mudar. Eu preciso me segurar, o quê? que lugar

*é esse a minha frente?! Ah, sim... Um mosteiro, talvez, esse seja o futuro reservado, mas isso é outra história, porque nunca tinha antes acreditado num futuro
qualquer...*

PORTA DOS FUNDOS

Se lá na morte tivesse uma porta dos fundos, ou uma janela que se abre para o mundo dos vivos, quando chegasse lá, eu só gostaria de ver e comprovar se é verdade mesmo o que dizem por aí sobre as pessoas: que são hipócritas.

Que até meus piores inimigos vão chorar naquele dia por puro capricho; sei que não sou ninguém para provar a lealdade de alguém, mas, se tivesse uma porta dos fundos lá, no submundo, eu ficaria olhando, vigiando e vendo se a mulher que eu deixei vai mesmo deixar de me amar e amar outro como jamais tinha amado alguém... Sei que isso me tornaria egoísta, mas não é pessoal, é o que as pessoas falam por aí, e eu só quero ver com meus próprios

olhos e testemunhar; se tivesse uma janela lá na morte, quando eu lá chegasse, eu gostaria olhar por ela e olhar no mundo e ver se meus amigos que diziam se importar comigo não irão atrás da minha garota, ou se não irão se apoderar daquele meu projecto... Eu só queria ver; e se por ventura tiver uma porta dos fundos ou uma janela, lá na morte, eu os verei. Verei tudo e saberei que afinal era tudo verdade, que certas coisas só nos dirão quando não existirmos mais, que certas coisas e certos males apenas estão contidos nos recônditos dos nossos próximos e só na nossa morte virão à tona, eu saberei. Mas, por enquanto, vou limitar-me a duvidar de tudo e a amar-vos na mesma proporção que vocês me amam, ou talvez, um pouco mais.

SOBREVIVER É DIFÍCIL, LINDO É VIVER, FÁCIL É MORRER

A minha vida é inútil. Não dá para viver a vida que tenho, a cada dia, a cada noite, tudo que obtenho resume-se em sobrevir.

É mais sobre sobreviver que viver. Nem sei, por que o sopro ainda não me saiu, não entendo, por que ainda não expirei, se estou experimentando a morte e os seus delírios todos os dias.

O horror me acompanha, a minha vida está assombrada. Uma parte de mim tem medo de morrer, mas outra já está morta. Não sei ao certo o que a outra parte quer, mas tudo que sei é que tem uma garota, vários sonhos, muitas risadas. Existe uma vida.

Existe uma vida que não me deixa morrer sempre que tento o suicídio. Essa vida não é minha, é a vida dela. É a vida dela... Ela chora, ela se machuca, ela só me quer por perto, ela nunca me quis ver partir. Ela me ama, por isso chora e está sofrendo todos os dias tanto como eu. Somos eternas sofrenças, nascemos para morrer todos dias debaixo do sol e da lua e voltar a vida só para morrer mais uma vez, talvez, quantas vezes fossem necessárias para nos extinguirmos ao todo de uma vez. Essa vida que existe,

prende o gatilho na hora da morte, essa vida paralisa meu corpo no momento de enfiar a faca no meu abdômen, essa vida me surpreende, quebra protocolos e desafia a morte toda vez que estou bem mais perto dela, ela rebenta a corda, quebra o copo com veneno e freia meu carro desgovernado. Essa vida não quer que eu morra, nem que eu viva. Mas que eu sobreviva, e a diferença é abismal, sobreviver tem mais de morrer e viver é viver, é voltar a sorrir mais uma vez, jogar futebol com os amigos, sair com a namorada, ou ir a uma igreja.... Sei lá, viver é lindo. É não concordar de quando em vez com o outro, é brigar um pouquinho ou muito com a mulher e no final, na noite, dormirem juntos como se nada tivesse acontecido. Viver sempre foi um pouco mais.... É lindo. Mas eu não tenho isso, nunca vivi, de facto. Sobrevivo desde que nasci, nasci já lutando pela vida: sem choro, nem um grito, nasci meio-morto, deitado no chão gelado parecia um bebê inútil que jogou fora as forças da minha mãe inconsolável, a vida se recusava morar em mim, mas, quando menos esperavam, eu sobrevivi, eu desatei num choro, eu tinha ganhado da morte.

E ela converteu-se minha amiga, uma amiga bem exigente, tão exigente que não me deixa mais viver, por isso sobrevivo sempre, porque me habituei com as partidas que minha amiga faz e sempre saio dela vivo. Aquela vida que existe em mim se parece como uma vela em chama e essa chama nunca se extingue. Ela cintila, hora oscila, mas não apaga. Não importa quantas vezes tenho que experimentar a morte, ela não me deixa morrer ao todo, sempre deixa algumas réstias de vida que garantem a minha volta, eu sempre sobrevivo. Não te preocupe, meu amor, essa morte a que vou, é só uma questão de tempo, tão logo revivo, mas, se não der certo desta vez... Se a morte se converter na bendita eternidade, então não tem volta, contudo, só uma coisa se pode fazer: você pode morrer também e nos encontraremos lá, vai ser como a primeira vez. Mas por enquanto, tudo que lhe posso dizer é um breve até já!

DESAFOROS

*Hoje eu me lembrei de quem eu era e de como costumava a ser.
Tão diferente de agora, sou o que nunca sonhei ser algum dia.*

Tão obscuro tão solitário. A mim o sentido da vida não existe, o único motivo que me mantém vivo é estar ainda vivo; nada ao contrário disso. Passei e continuo a passar por coisas difíceis na vida, coisas que qualquer um que seja pode passar ou até pior que isso, sabe. É normal. Talvez, essa dor que sinto não chegue nem perto da sua, eu sei. A dor e o sofrimento só são acontecimentos. E não é por acaso que acontece mais nuns e pouco noutros. Sofrer nunca foi opção voluntária de ninguém. Sofrer também só acontece...

Bem longe daquilo que eu era, hoje me sinto como um lobo longe da alcateia, uivando a cada lua cheia para lugar nenhum. Sou um lobo solitário. Triste e magoado. E essa tristeza me ensinou a arte de morrer. Estou morrendo todos dias e a reviver na mesma instância. Porque, a minha vida é uma a cada dia, a cada anoitecer, eu morro. A cada amanhecer revivo. Outra vida, outra história. Longe de ser o que sempre quis ser um dia, eu me fascino com o que me torno em cada dia: tem dias que sou mais triste; há dias que, até consigo desatar uma risada. Sou tão esquisito. Tão irritante.

Perdi o encanto pela vida e toda luz me assusta. Cai no poço mais fundo que já vi, hábito nele por pura necessidade, aqui travo diálogos sombrios comigo mesmo;

falo das coisas que lá em cima ninguém quer ouvir, aqui me ouço bem. Amo a hospitalidade. A felicidade nunca chega debaixo da superfície, enquanto atributo da vida. Felizes mesmo são os que podem ver a luz mesmo quando se faz noite. Amor é só desejo por aqui, o que não tenho aqui, eu amo: amo muito querer ter uma vida melhor e cheia de cores; amo querer correr na chuva só por puro sentimento de liberdade. Eu amo sorrisos e também costumo amar ser como todas as pessoas normais de lá acima.

Sinto que não tem volta, sinto que existo para que as pessoas tomem nota e tenham noção do paraíso e do inferno. Tenho a nítida impressão de que sou bem mais útil aqui em baixo que lá acima.

Quem olha para baixo vê o abismo e a morte, mas quem olha para cima vê as estrelas, a lua e o sol, mais do que isso, ainda poderá ver Deus.

DESAFOROS II

Não vou mais precisar do teu apoio, amigo, se para isso tenho que ir sempre atrás de ti, implorando amizades e outras cumplicidades. Mediocridade é não notar que o outro nos ignora, estou sabendo disso e aos poucos vou me tornando autônomo, livre e feliz comigo mesmo. Nosso passado é invejável, a nossa história foi épica.

Tínhamos tudo para sermos e continuarmos a ser os verdadeiros "brothers", mas de que vale um passado que não é valorizado no presente para se perspectivar um futuro? A muito que saímos nos planos um do outro, eu fui o último que tomou essa decisão; sou eu o último a descobrir que já não valia mais ter que insistir entrar numa porta entreaberta, quando poderiam abri-la para mim por completo; também fui o último, a saber, de tudo, o último, a saber, que eu nada valia no vosso meio.

E é nesse presente que vivo por agora, onde me dou conta disso tudo; que vivi mais a vida dos outros que a minha. Fugi de mim mesmo porque jamais tinha me aceitado, ignorei quem eu era realmente e imitei aquilo que meus amigos eram de facto. Confesso que não me

identificava com tudo aquilo, não me saía nada bem naquele papel, mas eu precisava ser mais eles do que eu para obter o mínimo de consideração por eles e para sociedade, talvez, uma vez que meus amigos eram populares. E me esqueci, abandonei-me, fiquei longe de mim mesmo, mas a noite, quando chegava a noite, eu me encontrava. Eu chorava, porque as cenas que tinham sucedido durante o dia desfilavam agora na minha memória e de repente aquele comentário de um deles sobre mim, me chamando de pobre, baixo, pouco estiloso..., que me pareceu não importar muito naquela hora, agora fazem todo sentido e só consigo sentir esta dor agora que é noite, aqui no leito da minha cama. Até quando vou viver assim? Até quando vou poder aguentar tudo isso? Terei eu um dia também o respeito dos outros? Estes amigos também pensam em mim...? Eu me questionava e me auto-torturava ao mesmo tempo.

E na verdade, eu era mais eu, quando ficava triste. Porque, havia momentos, que mesmo quando a noite

chegava e eu me punha a ensaiar falas e piadas para agrada-los no dia seguinte, me esforçava e ignorava meu sono para dedicar-me mais a eles. Eu só fazia o que eles poderiam fazer também, ou gostariam que alguém fizesse; eu falava o que eles falavam e o que gostariam de ouvir. Eu era mais eles do que eu. No entanto, me achava feliz, mesmo quando estava passando a maior humilhação de todas. Eu estava sofrendo, sabia disso, só ignorava.

E chegou o presente, que num tempo atrás chamávamos de futuro... Chegou e estou vivendo esses dias. Tudo passou a chuva não cessou, ainda cai de mansinho. Sou mais triste que naqueles tempos aí, mas me orgulho porque é por mim mesmo que se entristeço. Procurando superar-se a cada dia, às vezes, tropeço. Perco-me, é assim que me entristeço. Às vezes, fico bem solitário, pareço esquisito, porque a muito que deixou de fazer sentido ir atrás de quem nunca veio atrás de mim. Não busco reciprocidade, para mim isso é política, tal como é a solidariedade. É tudo uma questão de permutas, eu quero uma coisa de você e você de mim, então a gente troca. E eu odeio trocas. Não me vendo. Amo as nuances, adoro

aquilo que nos torna insólito um do outro. Simplicidade mesmo sem cumplicidade, eu chamo isso de a verdade.

SOBRE AMOR, SOLIDÃO, TRISTEZA, EGO E DESAPEGO

E se existe mesmo, só o podemos manifestar na alegria.

Triste e cabisbaixo, não fará sentido a minha vida. Posso sentir amor na mais pura tristeza, mas não consigo amar ninguém nesse estado, nem a mim mesmo. As pessoas só se amam quando estão alegres, quando podem ainda podem sorrir, ou correr de braços abertos para vida, ou quando usando a arte da alma, puder ainda cantar.

Tristes e solitárias, as pessoas perdem o sentido do amor, limitam diálogos, dão as costas, tratam com desdém e parece que jamais tinham gostado sequer de nós, um dia. Tristes e solitárias, as pessoas brigam e agridem. Partem a loiça, ferem-se umas com as outras, ofendem-se só por pura necessidade de ego e volúpia. Tristes e solitários, nós, os humanos só conseguimos pensar no quanto sofremos

com aquilo que nos deixa assim... E se o motivo for a falta de amor e desejo, embora partilhemos o mesmo leito, nós viramos para o outro lado para evitar o outro, e, esse outro, às vezes, é o mais lesado da história. Não reclama, nem grita. Ele só quer amor... Mas a tua tristeza se propaga tão rápido que ele também entristecer-se-ia, chorará as escondidas pela manhã, antes mesmo do sol aparecer e tu despertares. Tristes e solitárias, as pessoas saem correndo pela manhã tentando descontraí-las e buscar conforto no atletismo ou noutro desporto qualquer, pregam os auriculares nos ouvidos e ouvem aquela música que sempre ouviam os dois. Quando o suor começar já a rolar, as lágrimas virão junto.

Irónico. Somos tristes por esse motivo, mas somos incapazes de amar nesse estado. E a mim, individualmente, dói-me o facto, de pensar que nalgum dia fomos tão felizes um com o outro, que juramos ternuras e outras cumplicidades; mas hoje, por causa de uma resposta sem graça, por causa de uma recepção não habitual... As coisas mudaram. Irónico é que, quando esses momentos em que nós, ou outro está (mos) de mau humor

e nos recebe (mos) mal, acabam o ego assume o controlo. Ninguém quer pedir perdão e ninguém quer perdoar o outro sem que haja uma prévia súplica.

Os dois partilham o mesmo teto e o mesmo leito, mas tornam-se desconhecidos. A mulher faz a comida só por formalidades e o homem como só por necessidade. Os dois tornam-se duas ilhas de arquipélagos diferentes, talvez, até de oceanos distintos. E se tiverem filho, por mais que este fosse o motivo para uni-los, não os unirá de jeito nenhum. O filho é tão cúmplice da mãe que não sentirá saudades do pai enquanto ainda for bebê, se o pai o quiser pegar no colo, a mulher lho entregará de um jeito brusco, seco e sem afecto, e, quando o bebê chorar, o pai fará de tudo para acalmá-lo, mas ele não tem leite, e a mulher em frente dele estará esperando que ele lhe entregue o filho sem dizer nada. E aos poucos o homem sentir-se-á humilhado e ofendido, entenderá sua pequenez. Chorar num lugar qualquer, tentará o suicídio e se não der êxito, este homem, procurará em toda sua vida uma mulher que supere esta sua mulher que tanto lhe fez sofrer, este homem superar-se-á permanentemente só para nunca

mais se sentir desvalorizado; e está mulher que por puro capricho matou seu homem, sentir-se-á abandonada, culpará pelo resto da vida aquele homem que acabou de sair pela porta. Os dois vão trilhar rumos distintos e por um momento sentiram-se curados. Mas depois de um tempo, aquele filho adoece, o pai precisa estar com o filho e a mãe também. O filho está morrendo e os pais em lados opostos da cama do filho, entreolham-se por um momento. Ninguém diz nada. Então, ao mesmo tempo, os dois vêem o filho deixando escapar uma lágrima enquanto dá suas últimas baforadas de vida. E os dois percebem que nunca jamais deveriam ter saído um do outro, quando os pais saem de si mesmos, o filho fica ao meio por um momento e em seguida sai também de si mesmo.

E tudo isso, porque a tristeza nos esbarrou, porque ele, talvez não nos agradou. Mas, o facto é que a tristeza sempre virá... Não importa o nível de felicidade que viver, havemos de estar tristes ou sentir-se solitário, um dia. Esses momentos são como reflexo para nos revermos e não para nos dissocializar; existem para entender as nossas individualidades e aceitar nossa condição.

Esses momentos existem para pedirmos perdão mais uma vez, existem para nos darmos conta que o outro significa para mim tanto quanto eu significo para ele. Mas nosso ego fala mais alto.

Desfazemos-nos das pessoas para um dia usarmos aquela frase do senso comum que diz que,

*“ se não aconteceu é porque não era para acontecer
“...”, “se não deu certo, não era para mim”...”, “
nasci para ser infeliz...”, “ não era para eu ter me
casado...”, etc.,*

Enfim, e, quando pensarmos assim é porque não tem volta. Tudo estragou e a vida só será vivida com desgostos.

NOTAS TRESPASSADAS

*Sei que há muito que não me ouvem, porque vosso ouvido está
direccionado noutro lado. Ninguém mais quer ouvir a alma,*

conversar sem falar nada. Ninguém quer ler versos brancos, secos e sem rimas! Ninguém ao menos quer dançar sem ritmo, se exercitar sem compasso. Eu sou a consciência que há em você, sou o monólogo que contigo trava dramáticos diálogos no meio da noite, diálogos estes que chegam a ser mais nostálgicos!

Acredito na ilusão das coisas e dos seres: tenho visto muita gente pensando ser uma coisa, enquanto são outras. Na verdade, a ilusão é uma questão de metamorfose. E essa transformação sutil é uma constante em nós, é coisa de pessoas: é normal sorrir hoje de satisfação e amanhã chorar de desespero. Isso é normal. Mas não é normal abusar de seus poderes mutantes e ilusórios para tirar proveito do seu próximo. Usar rosto bonito, argumentos firmes e positivos para ludibriar seu próximo com o fim de saqueá-lo... Chega a ser tão triste esses comportamentos que não tem como não ser normal.

Nossa normalidade ficou distorcida com a multiplicidade da maldade que pregamos uns nos outros. É quase tudo normal se a lesão não for física. É bem

normal, quando por um triz não perdeste a vida em uma emboscada de um amigo malfeitor!

Pessoas são egoístas, eu as odeio. Confesso que não tenho amigos em nenhum canto do mundo: só tive e continuo tendo rivais oponentes bárbaros! A amizade perdeu seu sentido original, a família deixou de ser instituição e tornou-se um negócio escuro: pais vendem suas filhas, mães ensinam às filhas a como se livrar de corpos... Mulheres deixaram sua “mulherice” e converteram-se em algo sem designação. Ninguém se importa com ninguém de verdade, é tudo ilusão e puro sarcasmo. Ninguém jamais quererá sentir a sua dor por mais que seja o teu mais íntimo amigo, quando se é pobre ninguém quer estar no seu lugar. Mais que real, a pobreza é semelhante a doença: ninguém quererá adoecer por ti, nem mesmo a tua mãe.

Todo mundo se conhece. Todo mundo é capaz de buscar e fingir sentimentos de empatia, uns choram, outros saem em nossa defesa se estivermos a passar por

uma situação estressante: mas é tudo por ilusão, uma questão de moralidade subtil... Os amigos saem a nosso favor por causa das pessoas que assistem a cena: olha para ele, esse, sim é um verdadeiro amigo – as pessoas vão dizer. E mais uma vez o ego venceu!

Toda aprendizagem que não parte de nós mesmo nunca será significativa. Achamos que aprendemos muito com a vida, que superamos muitas coisas com gente que nos ama ao nosso lado, mas, a verdade é que só superamos uma situação quando, sem quaisquer ideias externas, nós mesmos nós levantamos e de volta aos trilhos, caminhamos com nossos próprios pés; só aprendemos de verdade, quando, sem influência de terceiros, nós próprios buscamos o conhecimento e assimilando-o, manifestamos outros comportamentos.

Aprender a aprender nunca foi uma questão bilateral ou de testes de exames, ou outras provas... Aprender e superar são questões intrínsecas e individuais.

Portanto, nenhum amorzinho, nenhum amiguinho me ensinou o que sou e o que tenho sido.... Meus

pensamentos são a minha vida e minha vida não se resume a carreira ou currículo. Minha vida é só vida. Não que eu não precise dos outros, não. Eu os preciso na mesma medida que eles me precisam para subsistir e continuar a exalar esse ar que entra e sai... Cada um é, por isso é que somos. Mas para viver não precisamos ser dois, a vida é uma porção de energia que só funciona exclusivamente para cada um, e, ainda que minha vida funcionasse no seu corpo, eu jamais me deixaria morrer para te reviver, jamais. Somos egoístas demais para aceitar isso!

A consciência enquanto consciência não precisa ler livros para ter conhecimentos e discernimentos: é consciência é que escreve até os piores livros! Todos nós somos uma referência bibliográfica, os livros são a prova disso: são pensamentos de pessoas que travaram muitos diálogos consigo mesmos e até sem ser irônico, a consciência a chegar a ser muito semelhante a loucura!

Mas a questão mesmo é o que eles fizeram com a nossa consciência! O problema real é o que eles fizeram com os livros... Morreram os que deveriam contar a

verdadeira história e despertar a tal consciência nas novas gerações, por conta disso, escreveram com auxílio da própria consciência o que iria mudar a consciência dos vindouros.... Arquitetaram tudo, e dizem que a história é universal! Que engano! A história não é um simples facto, é uma identidade: e identidade não é só o que somos... Identidade é uma questão de particularidades. A história é um vasto de particularidades que jamais será universal nem que unissem todos os pontos cardeais! Espaço e tempo são lugares e momentos: lugares e momentos são nuances que nascem... Tempos climáticos, chuva, calor, florestas e savanas! Tal como a educação a história também acontece de forma diferente de acordo com a região. Mas eles nos ensinaram a acreditar que o que eles escrevem nos livros didáticos é o verdadeiro conhecimento: por isso, que $1+1=2$ em toda parte do mundo!

Como consequência disso, eles controlam nossas mentes e sabem o que vocês pensam e vocês conhecem...

RABISCOS SEM NEXOS SOBRE A VIDA

A minha busca implacável por algum sentido na vida, mostrou-me vários sinais.... Afinal vida, é só um substantivo, cuja relevância só é visível se o transformarmos ou transportarmos a classe dos verbos, porém conjugado apenas no infinitivo do indicativo. Faz mais sentido assim: vida, sem antes ou depois,

vivê-la é inutilmente inconcebível.

Tenho passado por momentos em que experimento a mais pura nostalgia, o céu azul se converte num vasto cinzento-escuro; a chuva desce das minhas pálpebras e suas gotas salgadas em flocos, rolam as minhas faces, umas caem por terra e outras se perdem logo no gesto involuntário da mão que as enxuga. Às vezes, é como se tudo desabasse sobre nós, e suportar o peso do universo é quase impossível, quando o sol não nasce mais... Há, até, os raros momentos ao entardecer que sem mesmo que o sol se ponha, as suas réstias pintam a parte do horizonte num tom alaranjado triste; dali nascem lembranças, as mais tristes, dali se precipitam e caem no meu zênite dias

ruins que causam, por fim, aquele mal-estar e maldispor... Um arrependimento profundo nos assalta, mata a vontade de querer viver e asfixia nossa respiração, sem oxigênio nos afogamos sem nenhum movimento brusco para tentar escapar. Entregamos-nos a morte como quem se entrega a uma pantera para lhe tecer o mais terno abraço.

A ausência do dinheiro fez-me homem... No entanto, homem de lata, imprestável. Um homem imprestável num mundo em que, até plásticos e outros ridículos são prestáveis e recicláveis, mais vale é ser ninguém, converter-se em quase nada espalhando ausências e ficar tão longe como o horizonte. A natureza me tornou invisível, nunca ninguém mais me viu e ouviu. Para o mundo eu só existo no pretérito, não me encaixo em nenhum amanhã e em nenhum hoje... Mas, é tudo conspiração sobre mim, afinal sou ninguém e jamais alguém conhecer-me-ia a tal ponto, pois, os anônimos e desconhecidos jamais chegaram a conhecer ninguém. Sou um mundo que ninguém conheceu para mim toda gente é só uma gente mesmo, composta por muitos ninguém (eis)

importantes. Nenhum ninguém conhece o outro, cada um é um autêntico desconhecido para o outro.

Faz muito tempo que nunca mais importou o que sentia, o que mais desejava: os meus sonhos morreram no meu estado de alerta perene, há muito que não prego no sono. Dormir é um acto saudável, só aqueles que nunca chegaram a nascer conseguem dormir... Nosso universo está doente, a doença é bem contagiante: os pobres morrem, os ricos falecem... E qual é o sentido? O sentido é nada! Não existe nenhum indicativo ascendente para encontrar o sentido, se não o próprio viver, pois não basta ter vida. Há quem se diz estar vivo só por causa da família, dos filhos... E esse, no entanto, talvez, seja o sentido que tenha encontrado; mas, entenda que os filhos são universais, a família jamais abdica seu estatuto, a família tem o fim em si mesmo: não depende da sua boa ou má vontade para subsistir... Família é família, filhos são filhos, esse é o sentido lógico mais básico, é, portanto, uma concepção universal. Dizer que esses sejam seu único sentido de vida é um autoengano!

*Não existe razão alguma para a vida, se não, a própria vida e o
acto de simplesmente viver...*

Por mais que sejas tu que ela diz mais amar, saiba e entenda, que se tu não estivesses naquele instante, naquele momento ou naquele dia... Haveria sempre outro acima de ti na memória dela, indiscutivelmente.

E a culpa nem é tua, acontece que há um tanto de gente que está sempre aí, para a nossa garota, estão a fazer coisas surpreendentes, estão enviando flores, desenvolvendo conversas incríveis nas redes sociais, até presencialmente e nós nem sabemos... Porque tudo acontece, quando você vai, ou quando se separam, pois é, está sempre acontecendo uma coisa depois do vosso encontro, ou qualquer que seja a coisa que fizerem juntos. E o mais irônico, é que, exactamente naquele dia que tu estás ausente por diversos motivos, acontece sempre um momento, um instante que sempre ela vai lembrar, ainda mais se vier junto de um detalhe: você não consegue manter contacto com ela, você faz tudo por tudo e nada resulta, mas um outro a acompanha, faz piada e conversam a noite toda pelo facebook, que irado! É de

corroer o coração se algum dia souberes que a tua garota ficou toda noite acordada teclando com um desconhecido... Dói de mais e é um assunto tão sério, que seria muito cruel e injusto culpar o tédio. E quando voltares a manter o contacto, por mais que ela foque a atenção para ti, saiba que nalgum lugar, alguém somou mais três pontos na sua garota e, quando não estiveres de novo este somará mais três, então, aos pouco, tuas ausências terão pouco impacto e a tua presença não mais muito cativante.

Então, saiba e entenda: embora sejas tu o homem, o que mais ela gosta ou ama e quer sempre ao lado.... Haverá instantes, momentos que, alguém passará por cima de ti e por alguns breves momentos ou até duradouros serás trocado por um desconhecido que sempre mostrou amar mais a sua garota que você. Esses aí existem. Andam por aí sempre... Quer vê-los?

Entra de mansinho na social da sua garota ou simplesmente pegue o telefone dela... Não, não... É só olhares do topo do mundo que verás tudo.

NOTAS TRESPASSADAS II

Os momentos são insubstituíveis

Cada um é um, impossível é fazer um momento por cima do outro. Até, os momentos insignificantes são únicos. Não importa, se foi com quem você passou o dia ou a noite, naquele instante, quando a memória vier fazer a lembrança é daquilo e daquele que vais te lembrar, indiscutivelmente. Não dá para mexer com o tempo... E, confesso, embora não tenha vivido quase nada, ou aproveitado a minha vida da melhor forma possível, sinto que tenho mais passado que futuro. Sinto que tenho mais "ontens" do que "amanhãs", por isso, já não tenho mais tempo para perder nem para ganhar falando coisas inúteis. Quero fazer memórias doces de se lembrar, até as que pareçam tristes, mas que valeram a pena. Então, seja como for e haja o que houver, sou grato por ter tocado a vida de quem me tocou primeiro; agradeço muito ao universo, tudo que nele há e em todas as leis que o governam, até aquelas que fazem pouco sentido, eu sou grato. Pois, graças a perfeição coordenadora do seu funcionamento

garantiu e permitiu que tudo sucedesse assim comigo e com você. Um universo com bilhões de galáxias e tantas outras coisas que nem conheço, e, ainda assim tu esbarrares comigo. Que incrível, até para ti que me segues com teus olhos esbugalhados, não era suposto, mas tu estás a ver e a testemunhar, por isso, hás de te lembrar também um dia... Que momentos são únicos, não se trapaceia o tempo em tempo real. Já aconteceu, não se pode voltar ou mudar, ficou no passado e o passado é memória e memória é lembrar e se lembrar é porque, ainda não esqueceu e se não esqueceu ainda é porque o marcou para sempre. Enfim, eu queria muito que fosse sua marca, sua lembrança de todos os dias e morar sempre na tua memória, porque sou egoísta. Tão egoísta que, não quero que tenhas um outro instante sem que eu esteja lá em tempo real.

VIDA, É UMA VIDA

Sempre soube que uma vida é uma vida, não importa quem a vive. Quando me ponho a pensar nas coisas que faço na vida

de certas pessoas, uma profunda tristeza trespassa-me. A minha vida deveria ser exclusivamente minha, mas eu a partilho.... Dou vida a quem já tem vida e essa entrega nunca foi recíproca. Infelizmente não sei ao certo o que fazem comigo por de trás das cortinas, mas dá para imaginar o teatro. Consigo assistir.

Eu, sinceramente não sei como conseguem manter ao alto nível essa infidelidade e esta bipolaridade de sentimentos quando estão ou não comigo. Quanto mais tu pensas que fizeste e continuas fazendo tudo, e que és indiscutivelmente insubstituível, mais você é trocado. Comparado. Você se martiriza, crucificando-se todos os dias para tornar o dia de alguém mais agradável, porque automaticamente isso te torna feliz também, mas mesmo assim você é vaiado/a lá atrás das cortinas. Você não é ninguém... Não importa o que estás disposto a fazer por vocês mesmo.

Olha, tem sempre alguém por detrás das cortinas que interpreta você (ou você é que o interpreta, tanto faz) é a ele a quem recorrem, quando por um motivo insignificante você escorrega na bola. Esse alguém é quase

parecido com você só que mais bonito e isso te faz perder as chances nesse século, onde a estética e o dinheiro combinado são condições para ganhar qualquer jogo do amor.

E dá para sentir tudo isso na imaginação. E todo aquele amor e entrega que você depositou, vira lembrança. A tua memória de vezes em quando se lembrará... E quando tudo, finalmente não fazer mais sentido e decidires te desfazeres, só assim farás a falta que tanto querias que fizesses.

De costas para ela, tu vais para outra direcção decepcionado, porque a pessoa que disse que te amava de verdade, tanto como tu a amavas, afinal mentia sobre isso o tempo todo. Dói de mais, mas vale a pena ir-se transportar-se daquele lugar onde duvidaram e brincaram com os teus sentimentos.

UMA HISTÓRIA DE TÉRMINOS

(Escritos de uma alma magoada)

E não importava como começava, ou como

decorria, para ela só importava como terminava. Lembrome de onde viemos, o que fizemos... Tudo tão honesto, cumplicidade total, eu jamais tinha pensado que depois de ser o primeiro para ela, ainda assim as coisas acabariam. Aquelas saídas de encontros com o céu carregado de nuvens cinzentas, a gente combinava previamente, tu sabias onde me encontrar, não precisava usar o telefone. A chuva nos molhava, águas se precipitavam em nossos rostos enquanto nossas bocas se eclipsavam no mais terno beijo de amor. Era tua primeira vez beijar na chuva... Tudo estava sucedendo como tinhas imaginado e aquele era o segundo encontro em que nos envolvemos. Nossos corpos encharcados seguiam o ritmo da chuva, o rio ao lado só nos olhava e nos soprava uma brisa arrepiante que só dois corpos opostos suportariam... Então eu te abracei. Tu quase choraste de emoção. Tu nunca tinhas ainda tido uma experiência igual. Então, segurei tua mão e corremos feito loucos, pisando com sapatos nas possas de águas! Ah, como foi mágica aquela nossa noite...

Está tocando "*Ocean*" de Billie Elish nos meus fones... Coincidência? Estou chorando enquanto escrevo. As lembranças me fazem desabar no choro. Nunca tinha pensado que tudo aquilo que vivemos um dia seria inútil. Eu queria eternizar tudo aquilo, meu bem. Por que só amor não basta...? E eu que te amava na pura simplicidade sem se importar com a tua condição. Eu te amava mesmo, amava tuas roupas... Eu viajava só de te olhar e naquela noite eu viajei até em "Um amor para recordar...", me pareces ser aquela garota do filme, tão simples como a chuva. Ah, como eu queria também te oferecer um sweter para que possas usar no inverno, quando o frio vier. Queria poder te abraçar por mais tempo do que já abracei meu bem.

E então, nasceu a dúvida em ti. As coisas mudaram... Eu comecei a ficar para traz e enquanto redijo essa memória toca nos meus fones "lost boy..." De Ruth B. Coincidência? Lágrimas no meio da noite têm o tamanho do oceano, pesam de mais para o choro único de um ser...

Alguém aqui quer chorar comigo? Eu não consigo suportar tudo isso, dói demais. Meu único erro foi falhar... Não, meu erro antes, foi ter acreditado que tudo aquilo não acabaria um dia e que ela não se esqueceria, nem a mim nem dos nossos momentos, esse foi a primeira grande falha. Minha outra falha foi prever que eu morreria... Sim, eu previ. Eu morri. E a única coisa que restou em mim é a consciência que paira naqueles todos os lugares em que a gente ia. A minha alma ainda galopa por aí, sou um fantasma que jamais pensou em te assombrar, mas que ainda ama mesmo além-morte. Meu amor por ti já não acaba mais.

Morrer é inevitável, a culpa nem é minha. Nem tua é... Eu sei, tu só foste adiante. Tu só me desamaste porque a morte é para ti o fim da linha. Para mim era sempre o começo... Agora te vejo nesse altar da igreja vestida de branco, sim.... É o que estou pensando. Tu estás a casar e a jurar o que julguei que só jurarias a mim um dia. A tua mãe está feliz junto da sua irmã. E mais a esquerda vejo seu pai olhando com emoção. Todos estão felizes. Eu devo estar feliz também? Tu não mereces esse tipo de julgamento...

Agora vejo teu marido colocando no seu anular o símbolo do infinito. Um arco metálico que eu jamais pensei que outro homem que não fosse eu te colocaria. O clima está intenso. Vai surgir o momento do beijo e eu não vou suportar... Adeus meu amor, eu fui muito feliz contigo. Nunca pensei que eu fosse um simples espectador no teu casamento...

“Adeus meu amor, eu fui muito feliz contigo!”



ADEUS, MR. ANTÓNIO

Minha voz sessou.

Mas a minha alma ainda grita!

Servi a todos vocês por longos anos, meus senhores.

*Não é culpa minha, pois não escolhi nascer,
foi meu pai que escolheu ter filhos, mas também não é
sua culpa,*

ele não escolheu morrer tão cedo e nos deixar assim...

Sem amparo nenhum.

*A nossa mãe se equilibra com ajuda de um cajado
velho,*

não consegue mais trabalhar no arimbo.

Oh, céus... Eu escolhi ir à escola, eu e minha irmã Fifi, os senhores que dizem encarregar-se de nós, nos levaram à vila em busca do melhor... mas as coisas não andaram bem, nos tornamos escravos da casa do nosso senhor, mas isso nem notava-se, para nós era indiferente, pois o trabalho pesado já era uma constante em nossas vidas. O que era mesmo ruim e que me punha os olhos molhados era mesmo a desvalorização de todo mundo, naquele universo, ninguém se importava de verdade. Eu

precisava estar bem-apresentado na escola, mas me faltavam roupas me faltavam à pasta de dentes e mais outras coisinhas básicas para manter a aparência. Eu estava a viver o pior terror da minha vida, reprovei logo no primeiro ano, mas não desisti.

Fifi engravidou logo no seu primeiro ano do secundário. Nosso senhor e nossa senhora a expulsaram de casa com pior desprezo que jamais tinha visto, minha irmã chorou por vários dias... Ela era só uma adolescente, não sabia nada ainda, ninguém a tinha lhe falado nada sobre a vida, tudo que sabia dela até então, o tinha vivido em primeira pessoa. Na escola só tinha ouvido falar um bocadinho das amigas. Eu não a julgo, ela merecia amparo. Mas a expulsaram e eu não podia fazer nada. Voltou para a aldeia, junto da minha mãe das outras tias, que para além dos panos rotos não dispunham de mais nada.

O seu corpo dilatava, as suas faces ficavam cada vez mais arqueadas, cor num tom mais claro. Estava mais bonita, apesar da dor e da depressão. Dormiam lá na cubata da mãe, numa esteira desgastada pelos "*salalês*",

mas é lá mesmo onde pernoitaram até completar os nove meses.

Enfim, foi no sábado, quando já estava noite, Fifi, adolescente que se convertera em mulher agora a puco, nesse dia, só lhe faltavam mais alguns três suspiros e prontos convertiam-se numa outra coisa, pois ela não estava só grávida do bebê, ela estava grávida de si mesma, nesse dia nasceriam dois seres: a mãe e o bebê. E os dois nasceram mesmo. Era uma menina linda, que a vida se recusara a lhe dar um pai, coitada, minha sobrinha Joaninha, só viveu seis meses e bateu logo suas asas subiram pelos ares... Fifi e a mãe quase morreram por causa da perda. Joaninha tinha ido embora sem lembranças, a única foto que tinha estava no smartphone de um primo da cidade... Ah, Quanta dor sentimos!

Os senhores encarregados não apoiavam em nada. Reprovei na décima segunda por conta da depressão, não conseguia me socializar com os outros por causa da minha condição. Tinha vergonha das minhas roupas e do meu aspecto. Nosso senhor que por sinal era parente não

olhava para isso, eu fazia tudo por lá, mas para além de tecto e comida não recebia mais nada. Eu até poderia fazer qualquer coisa para ganhar dinheiro, mas meus trabalhos em casa do senhor e na sua fazenda vinham sempre em primeiro lugar e me roubavam muito tempo. Desisti da escola, quando faltava pouco para concluir o ensino médio. Cansei daquela vida, voltei para aldeia e minha mãe chorou, quando ouviu minha história. Choramos todos, Fifi aproveitou o momento para chorar também pela Joaquina, a falecida.

Afoguei minhas mágoas no álcool e no cigarro. Fazia trabalhos temporários para me autossustentar, me chamavam de menino de rua, mesmo com cigarros e álcool no cérebro eu ainda via meu sofrimento e angústia. Nada mudou. Larguei as drogas, hoje vou mais à igreja.

Mas nada mudou... Tudo que tenho é esperança e fé um dia desses aí, as coisas mudem e eu vá ter um trabalho digno que me permita ajudar minha mãe e minha irmã.

[...]

Mas nada mudou, nada mudou. Lágrimas, lágrimas de dor e desespero. A culpa não é nossa, não há culpados. O mano morreu nas minas de ouro, morreu pobre, mas soterrado de ouro. *Agora as esperanças acabaram, vamos todos morrer, isso já sabemos, mas nós morreremos da pior forma. Morreremos de fome.*

RABISCOS DE UM ADOLESCENTE PERTURBADO

E se fôssemos todos originais, ninguém descendente de ninguém, talvez o mundo fosse um lugar um pouco melhor, porque o conceito de família, maternidade e paternidade transformam muitas das vezes para pior a personalidade de muita gente: ninguém é filho porque pediu, mas todo pai ou mãe escolheu consciente, ou inconscientemente sê-lo. Se ninguém viesse de ninguém, era tudo por nós mesmos, viver e morrer nada importavam... E a dependência extinguir-se-ia da sociedade e, talvez fossem verdadeiramente iguais em tudo e sem

quaisquer hierarquias. E vida seria um pouco mais tranquila.

A depressão, frustração e desvios para caminhos maus por parte dos filhos, são tudo consequência da burocracia familiar e social em que nos encontramos. Adolescentes pensam muito além, mas, os pais no exercício da sua paternidade ou maternidade, nos reduzem a meros objectos flexíveis... Ser filho chega a ser mais difícil nesse mundo do que ser outra coisa; dar às costas e nunca mais querer saber da família é corrente, porque, afinal é ali onde nascemos e crescemos. A família aparenta ser nosso lar quando somos crianças, mas, depois de certa idade você descobre que a família é uma instituição que era responsável pela sua estada... Tarde ou muito cedo, você precisa pagar a conta do quanto cuidaram de você lá. E o mais irônico é que ninguém escolheu ser filho, seus pais poderiam ter te evitado e te poupado disso tudo. Mas, eles simplesmente amaram o facto de que ter filhos é, de facto a maior das riquezas que se pode ter.

E se ninguém fosse de ninguém... Nenhum pai ou mãe espancaria seu filho; nenhum filho poderia se rebelar, aliás, todo esse conceito e todo esse condicionamento não faria sentido algum, pois seria assim: eu sou eu e, ponto. Ele é ele... O nós, ou o é filho do fulano não teria sentido. Todos teriam nomes, mas, ninguém teria sobrenome... Seria tudo por mim, sem ter como invejar o do outro, afinal, estou por mim mesmo nisto não teria porquê para tal efeito.

As vidas sociais seriam mais pacíficas e honestas, e as relações interpessoais passariam a ser mais significativas: o amor poderia finalmente dar às vistas na sua forma mais pura, toda gente deveria amar sem ter que pensar se o pai ou outro ente, não quer que ames essa pessoa.

Amar e ser amado seriam um exercício diário, porque ninguém se importaria se era ou não mal visto pelos entes, simplesmente pelo facto de ter amado ou começar a gostar...

ASSIM COMO VIDA

A mãe e o filho são tão cúmplices, que mais vale se não existisse pai. Voltei a falar sobre vida e morte, de orgulho e preconceito, de medo e sarcasmo.

Toda enfermidade é uma morte em intermitência, quando estamos doentes, na verdade é a morte que está em apuros e não nós; esta morte que vem e vai tão tenebrosa, afinal, também ama a vida a tal ponto que fica doente em corpos humanos e animais, paralisando o corpo e a humanidade dentro dele; vai matando o corpo tantas vezes, até ambos se cansarem, tanto a morte e o corpo: o corpo falece e a morte converte-se em verbo: morre.

Nesse instante de falecimentos e "morreres", todos deixam de ser. Perde-se a noção: nem o falecido nem a morte que se atravessou de nome para verbo têm noção do seu passamento. Só os vivos dão por conta. Os vivos têm noção de que já não existe mais vida em ti, tudo acabou... Que você se foi embora. Então, o medo os envolve e os faz

chorar e agradecer por não serem eles a morrer: ninguém chora pelo falecido, antes, os vivos choram por si mesmo.

Todo elogio fúnebre é resultado do medo e da gratidão egocêntrica que as pessoas têm umas sobre as outras. Ninguém chora porque o outro morreu, as pessoas choram porque poderiam ter sido elas a morrerem, mas, enfim, sempre morrem os outros. E isso é uma pretensão ideológica antiga, que, quando somos nós, jamais seremos o outro, até na hora da morte. São sempre eles a morrerem, é sempre aos outros que a fatalidade da morte sucede. Esse processo egocêntrico de viver é tão insano que tornou a humanidade bem mais supérflua: as pessoas tornaram-se falsas no sentimento, na dor e no sofrimento. Quando ouvir alguém a dizer: os meus sentimentos; “as minhas condolências; sinto muito mesmo; é assim mesmo a vida...” Não te surpreendas o morto já não tem mais noção.

Tudo isso é sobre ti, o parente do falecido e do teu próximo que te dirige tais sentimentos: é tudo para o vosso

orgulho, afinal, vocês não morreram: nem tu nem ele. Você precisa ouvir isso de alguém e alguém precisa dizer isso a ti. O falecido não tem noção!

Na verdade, toda elegia e choro carpideira ao falecido é por puro capricho, até o choro da mãe do falecido. Um filho morto é como uma bala que nos raspou o rosto, ah foi por pouco! Teria sido a mãe e isso a assusta... Os filhos são da comunidade, a vida é uma multiplicidade de segredos e viver é um deles. Toda gente anseia viver mais um pouco mesmo que tudo pareça estar perdido, morrer nunca tinha sido escolha para ninguém, os que mataram a si mesmos e os que escolheram morrer para os outros, confundiram a morte com a dor, o alívio da vida e o eterno adormecer. Eles têm razão: toda gente se confunde!

Consigno ouvir sua voz dizendo e questionando a loucura nas minhas palavras, ouço você dizendo que tem morte que dói mesmo, como a do pai, da mãe, do irmão ou do parceiro...

Só você que está respirando tem noção disso tudo. Nesses casos, a dor vem por causa do status que essa gente tinha na nossa vida. Você só quer morrer com seu pai porque acha que até na morte vocês seriam pai e filho; e o mesmo se aplica aos outros casos, mas você só não morreu após o falecimento deles porque, você ama demais a sua vida. E você só tem noção disso quando está vivo, ou seja, qualquer um que estiver à beira da morte e escapar-se dela, saberá que lá é o lugar em que estamos mais vivos; e se estamos mais vivos à beira da morte, nós temos noção disso e queremos voltar à vida normal: a vida normal é a que antecede à beira da morte que está entre a vida (normal) e a morte.

E muitos têm sido sinceros nos seus lamentos fúnebres, quando dizem: "quem fará isso ou aquilo por mim... Quem pagará a minha escola; e assim o que será de mim...?" Pelo menos, ali estão mostrando indiscretamente que não choram pelo falecido, mas sim pelo status do falecido.

Por isso, que depois desta fase, por mais triste que seja, se os mortos tivessem noção, vem o esquecimento que sempre é inevitável. As pessoas já não fingem mais chorar nem sofrer, encontram outras pessoas, criam outros laços e outros vínculos. Ali, tudo se torna passado, se era viúva já não será mais, se algum dia disse ao seu parceiro que o amaria para sempre, então agora estará dizendo isso à outra pessoa e, no final de tudo, o lado bom é que os mortos não têm noção.

E eu... Eu estou escrevendo isso porque tenho noção disso e estou vivo. E até lá, quando me converter em falecido, já terei tido noção de como é...

*“E eu... Eu estou escrevendo isso porque
tenho noção disso e estou vivo. E até lá,
quando me converter em falecido, já terei
tido noção de como é...”*



NOTAS DO MEU SUBSOLO

*A vida sempre esteve lá, quando estávamos juntos...
Naquele lugar ou noutra qualquer; só lá é onde existe a
vida: é uma questão de "hojes e agoras". Por isso, só
existe um tempo, o agora... O tempo é tão agora que esse
instante já virou passado e o que estou escrevendo, se o
verbo não estivesse no contínuo, talvez também seria
uma questão de passados. Enfim, enquanto houver nós
haverá vida não importa o lugar; enquanto estivermos
lá, o tempo será imutável e todos os amanhãs se
converterão em "agoras".*

Mas, para isso é preciso lutar com a vida e habituar-se a morrer de vezes em quando. É preciso estar morto, quando não houver mais aquele lugar e sorrir por tudo como se o mundo fosse uma piada e chorar como gazela, como se o mundo fosse simplesmente nostalgia.

A moralidade esbarrou com a nossa existência, estamos comprometidos com a ação de morrer, porque abdicar e renunciar o que mais amamos pelo bem dos outros é entregar a vida a morte; e essa demonstração de dor e sofrimento só é feita por puro sentimento de amor,

então morreremos num lugar qualquer e sairemos vitoriosos nisso tudo; morreremos para o bem de todos... Nada que seja nosso importa, antes importa mais aquilo que é do outro, e tristemente, nós nunca tínhamos sido o outro para ninguém, sempre fomos nós, igual a mim e mais eu: por isso vejo muito de mim em ti.

Não depende de nós, depende do resto do mundo, sim: depende de uma mãe e de um pai e do resto do mundo: o mundo tem dono sim e não é Deus, são eles e, o mais apequenador é que nós nunca estamos neles e, nem eles em nós: é tudo uma questão de exclusividades; se fôssemos tão livres e independentes, quer em felicidades e tristezas, ou em todas outras coisas... Talvez, o nosso agora nunca teria virado ontem; talvez assim Deus fosse mesmo bom e generoso; mas não, Deus tem sido egoísta demais: as pessoas se entrelaçam para subsistirem. A gente se entrelaça e nos esgueiramos nos caminhos da vida, mas o mundo não aceita!

A Moralidade e a voz da razão nos açoitam a alma, não dá para ignorar o mundo, somos partículas tão

pequenas perante esse espetáculo que se chama terra no camarote do universo...

Nossa vida ainda está lá? Nossa vida sempre esteve no agora e isso está acontecendo hoje: o agora nunca acaba, mesmo quando os dias morrem e as noites nascem. Então, me leve contigo se quiser partir para um futuro incerto, encontre-me no passado, nalgum lugar qualquer que frequentávamos e, se for preciso, viva comigo agora, pois não há diferença nenhuma. É só uma questão de instantes: os dois são invisíveis como a imaginação, mas, o outro é tão real como o arco-íris...

Então, que venha a morte. Sairemos vitoriosos... Nosso leito, lá no lar dos defuntos será um só. Cinzas e escuridão: estamos morando na morte, porque a vida acabou; e tão logo que ela acaba, aí, percebemos que o sentido da vida que sempre buscamos resume-se, unicamente em manter-se vivo, tão vivo que sobreviver de sobrevivências, chega a ser mais triste que morrer sem se dar por conta. É a vida, se não a vivermos, que venha a morte por direito.

SAPIOFILIA E MORALIDADE

(o relato de quem amou primeiro a cabeça e depois o coração)

Olha para ele... Tão cheio de indiferenças, nuances largas que chega a ser incomum. Nunca tinha visto um assim antes! Tão calmo até no semblante, fala num tom sereno coisas que jamais tinha ouvido falarem. É um livro, esse homem. Adivinhou meu pensamento e ensinou-me a ler a expressão corporal humana, é um gênio! Nunca me levou a um restaurante, sempre me trazia em meio a natureza, junto das árvores e do chilrear dos pássaros, é tão original.

Toda minha vida eu tinha sido uma moralista, abracei normativos e tornei-me serva dos "bons-sensos", amava formalidades e pessoas formais. As minhas relações eram guiadas em função disso: beijava na rua só quando necessário. Os homens da minha vida sempre tiveram que sujeitar-se e envidarem esforços se quisessem conseguir alguma coisa bem mais íntima comigo. Valorizava ações grandes e menosprezava as coisas boêmias.

Quando o conheci, esse homem, alguns minutos fluíram, e, já tinha quebrado algo que nunca tinha feito antes: deixar-se ser abordada por um desconhecido e, ainda assim ser eu a levar o seu contacto. Simplesmente nunca tinha acontecido... Esse homem era tão natural que me deixava inofensiva.

Sempre desejei homens muito bonitos, altos e com bom físico. Isso para mim era o suficiente; mas nunca tinha pensado que poderia começar a gostar desse homenzinho baixo e de cara engraçada. Que confusão: o homem fala mistérios e sussurra poesia; vende sonhos e coleciona lágrimas em sacos de nostalgias: é uma mistura de saber e tristeza; leva ao delírio, ao mais alto nível de tristeza e sensibilidade, em alguns "poréns", arranca-me a mais pura risada, que jamais sabia se sairia em mim: é estranho.

UM ANÔNIMO QUE FAZ TUDO AO AVESSO!

Às vezes, os seus assuntos parecem ridículos de início: o homem fala de coisas simples e às vezes de coisas nojentas... Pode falar sobre anatomia, num instante e, noutro falar do quanto é gostoso comer na panela (risos).

Beijou-me no primeiro encontro à beira da lagoa, e disse-me que eu era muito medrosa. Disse-me que me amava e desapareceu por três longas semanas. Quando voltou, sem dizer nada me beijou de repente, a lua nos espreitava, a moralidade me açoitava, pois, ele tinha me deitado no chão coberto de ervas e orvalhos; jamais pensei que me reduziria a essa infimidade desprezível. Fiz uma série de vãs atentas para resistir, disse-lhe que eu não era mulher de rua. Numa expressão serena olhou-me e abriu-se-lhe um sorriso entre os lábios e em sussurros disse que não precisamos ser de alguém, as intimidades flutuam e esbarram em momentos que queremos um do outro; dias, são apenas dias, são os momentos que nunca se repetem. Ao terminar de proferir essas palavras, beijou-me arrepiada na testa e saindo por cima de mim disse que

aquele dia tinha sido seu último, não sabia se estaria no presente de amanhã; sorriu e pediu que fossemos embora... Foi, então que nasci do ventre daquela noite engravidada de silêncios; sai de mim e me entrelacei no corpo daquele homenzinho, apaguei a luz do orgulho e da minha moralidade e cavalguei sem medo na escuridão, ervas, e orvalhos se misturavam com nossos corpos, ofegantes e transpirantes só balbuciávamos silêncios e outras intimidades que só os corpos nus conseguem expressar. Aquele instante reduziu a zero todos os outros momentos em que estive diante de quatro paredes num motel ou num quarto qualquer com um homem vendo a mesma cena a se repetir.

Eu, simplesmente renasci naquele dia e ainda vivo naquele instante. Para mim nunca houve mais amanhã, enquanto escrevo, estou no hoje e resistindo ao tempo para

que estejamos mais naquele dia e não num amanhã em que esse homem tão incomum morre.

AS DIFERENÇAS NUNCA FIZERAM A DIFERENÇA

E nem precisamos ter medo da morte, porque ultimamente tem matado menos que o próprio homem. (Saramago)

É incrível o quanto a alma fica abatida com alguns comentários "simples", a princípio parece superficial, mas por dentro corrói ouvir: estás mais baixo hoje... Você não vai crescer mais (risos)! Antigamente eras mais bonito...! Ainda não tens telefone?!

Esses comentários podem até ser toleráveis, quando vêm de meros desconhecidos; porém, quando têm origem nas pessoas que estão ao nosso lado, machucam. A nossa alma fica ferida, nossa existência entra em crise, o padrão inalcançável da beleza assombra nossa mente, os espelhos tornam-se monstros e assim morremos aos pouco, sangue caindo gota-gota, um pulso cortado hoje, amanhã outro...

E num dia qualquer, uma corda balançando e um pensamento sombrio de sucumbir, morrer para nunca mais sentir humilhação!

A nossa voz cala, alguns choram, outros mostrarão tristezas nos seus rostos. Mas ninguém sentirá de verdade! Tudo não passará de uma farsa ilusão dos vivos que acham ter conhecido o defunto suicida. É tudo uma questão de fingimento daqueles que sempre vão se despedir do morto, pois, ninguém jamais queria estar no seu lugar, nem a sua mãe.

Esse todo processo de desintegração e dessocialização não é culpa daquele que irá morrer por isso! A culpa recai mesmo aos vivos perfeitos e belos, deuses do julgamento do padrão da estética e da moralidade! Se, ninguém olhasse ou ligasse pela minha estatura, ou até mesmo, se ligasse, mas não visse com desprezo... Se eu fosse só um pouquinho mais alto, se tivesse ao menos 1,70 de altura, talvez aquela garota não me desprezasse! Mas que mal fiz a Deus?! Como posso me achar normal, se a sociedade me excluiu: não se trata de

um dia superar, não. Aqui debaixo do sol, superações implicam dinheiro. E dinheiro só compra... Ainda assim, aquela corda que comprei e a idéia de partir me virão à tona sempre! Morrer é nossa única saída...

Nosso pecado é imensurável: nos momentos raros que saímos à rua, um cara alto e bonito passa bem pertinho acompanhado de uma garota linda, igual aquela dos nossos sonhos, aí nós invejamos. Invejamos por não sermos como aquele homem... E como invejar não basta para sê-lo, então nos questionamos sobre a existência e acabamos por pô-la num ponto final, mas isso é uma história mais nostálgica, não acaba aqui nem lá, talvez nunca acabe, por isso não lhe porei um ponto final...



*“E nem precisamos ter medo da morte,
porque ultimamente tem matado
menos que o próprio homem.”*

(Saramago)

UM COMENTÁRIO SOBRE LIBERDADE

Ainda não me liberei. Sinto que, ainda sou escravo e quanto mais eu entendo isso, mais me escraviso. Eu nunca tinha sido eu todo esse tempo: eu era o pensamento de alguém em papel...

Durante anos era só um pensamento em mim, alguém pensava por mim, quando eu julgava ser o autor dos pensamentos. Esquecia-me que, certas coisas que eu fazia, o meu comportamento, era tudo em função da influência daquilo que eu lia nos livros de teorias de autores de outros mundos... Eu julgava ser tão inteligente, mesmo quando o que tinha aprendido era só uma suposição, um dado não objectivo de quem escreveu. Ah, como era açoitado...

E tem dias que penso assim: se o gênio mora em nós. E isso é inato. E que nós poderíamos ser quem quiséssemos ser e fazer, por que a gente ainda não é? Ah, céus...! E esse meu pensamento, aliás, esse pensamento que eu julgo ser meu, porque por puro orgulho me recuso a aceitar que, um tal de David Shenk, no seu livro “O gênio em todos nós”

já o tinha dito, porém, de um jeito afirmativo e positivo. Mas... Que bosta! Por que não consigo ter pensamentos exclusivos, pensamentos que não nasceram sob a influência daqueles que vimos nos livros...? Ah, que servidão humana!

A vida que vivemos. Os nossos pensamentos são a síntese do que abstraímos daquilo que lemos num papel ou ouvimos... Estamos a viver sobre forte influência dos outros, o que nos torna vazios e escravos e órfãos de pensamento. Nós somos o que eles queriam que exatamente nós fôssemos: somos a ética e moral de Sócrates e Platão, somos a política de Marx, a teoria de desenvolvimento de Darwin, a física de Einsten, somos a medicina do Epicuro, ah como nós somos mais dos outros do que de nós mesmos... Nós somos o avanço e as conspirações de certas pessoas que ousaram da sua liberdade só para nos escravizar.

E essa gente dos primórdios, apagou a luz que cada um tinha, quando éramos iluminados. Mas, deixaram

suas luzes ainda acesas. Eles são a lei global, o governo do mundo.

Mas, tem alguma coisa nas entrelinhas disto tudo, algo que o universo tem nos oferecidos para despertar: é a própria vida. Mesmo que seja toda ela deprimida, vale a pena viver... (ah, Deus!... Enquanto escrevo isso, sinto uma sensação bem familiar de que já li um autor dizendo isso, que vale a pena viver.), acho que mais vale morrer, pois sinto que estamos infectados com idéias dos outros, pensamentos que achamos que são nossos por puro direito de ter a capacidade de pensar, mas, não são nossos! Por mais que saibamos escrever e pensar, falar e se expressar, é tudo tão alheio. O que sabemos é a verdade, ou a mentira. De acordo o contexto.

E a minha crítica não é contra o que já somos, ou a desvalorização do conhecimento dos antigos. A minha crítica é outra vez sobre a essência: afinal o que seríamos de verdade, se pensássemos com nossas próprias cabeças

os nossos próprios pensamentos...? Eu não sei calcular ao certo. Mas, sinto que seríamos mais livres e mais pacíficos. Pois, para mim, se nós não estivéssemos poluídos com tantas e tantas idéias alheias, a humanidade seria toda de gênios. Todos poderíamos chegar lá, todos nós poderíamos ter conseguido ser... Agora entendo o sentido. Se não fosse a burocracia do conhecimento que vivemos, em que os livros são importados dos lugares que achamos mais desenvolvidos... E ao redigir isso, me vêm à tona a narrativa de Benjamim Franklin, quando tentava definir a educação: uma escola ocidental queria que índios orientais fossem lá para serem formados, a fim de serem mais instruídos. E assim, um grupo de índios foi... Porém, quando voltaram, a sociedade de índios tinha notado que aqueles formandos tinham perdido seus ideais, a sua verdadeira essência. Quando, chegou à altura de mandar outro grupo de índios, então o responsável pelos índios respondeu: não.

Muito obrigado, mas, nós mesmos os instruiremos aqui a nossa maneira. Daí, que tal brasileiro chamado Piletti, deduziu que a educação existe e acontece de sua

maneira de acordo com a localização ou o lugar. Então, se educação iliterada dos índios, a educação sem livros e nem cadernos, é tão educação como aquelas dos laboratórios e das amostras, por que estamos perdendo a nossa essência? Afinal o que nós fazíamos de verdade antes do colono? Onde se primava a nossa educação antes mesmo do grau de mestrado e licenciatura fizerem parte das nossas vidas? Onde está e o que era a nossa angolanidade naquela altura? A resposta é simples: está morta. Morreu a nossa essência e a nossa identidade cultural. Sabíamos coisas, inventávamos coisas sem poluir a natureza, éramos felizes... E escrevíamos em vasos de argila rabiscos, escritas que não se traduzem a nossa língua não tinha sido inventada. Falávamos o que não sabíamos que estávamos a falar, linguagem aberta e simples, onde os verbos se criavam entre os lábios do falante e com modos e tempos infinitos...

Nós éramos gênios. Tão gênios quanto eles se consideram, éramos tão instruídos até eles disserem que não vale nada.

AURORAS DA ALMA DE ANTÓNIO DIOGO

EDITORA DIGITAL “ÁGUA PRECIOSA”

Telefone: 923 407 949

Todos os direitos desta obra reservados a ANTÓNIO
DIOGO

Este E-book está protegido por Leis de direitos autorais
na “**CPLP**” “**SADC**” e “**PALOP**”

=====

“*CPLP*” COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA
PORTUGUESA

“*SADC*” COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA
AUSTRAL

“*PAÍSES*” AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons. Você pode
copiar, distribuir, exibir, desde que Seja dado crédito aos
autores originais

Não é permitido modificar esta obra. Não pode fazer uso
comercial desta obra. Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade Pelos textos, músicas e imagens É
exclusivamente do Autor.

*“Ei, afinal o que nós somos,
o quê que fizemos com essa
realidade cheia de ilusões e decepções?
Por que somos tão parecidos em quase
tudo que fazemos...?”*

